



TEMPORADA 2022

OSESP CELEBRA O DIA MUNDIAL DO MEIO AMBIENTE

6/JUN

OSESP EMMANUELE BALDINI REGENTE E VIOLINO WAGNER POLISTCHUK REGENTE

6.6 segunda 20H30

ORQUESTRASINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO – OSESP EMMANUELE BALDINI REGENTE E VIOLINO WAGNER POLISTCHUK REGENTE

ANTONIO VIVALDI (1678-1741)

As Quatro Estações: Inverno (1723)

- 1. ALLEGRO NON MOLTO
2. LARGO
3. ALLEGRO
7 MIN

ASTOR PIAZZOLLA (1921-1992)

Quatro Estações Portenhas: Inverno Portenho (1969)

7 MIN

CARL NIELSEN (1865-1931)

Abertura Helios, Op. 17 (1903)

12 MIN

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Uirapurú (1917)

20 MIN

Bachianas Brasileiras nº 2: Excertos (1930)

- _ÁRIA – O CANTO DA NOSSA TERRA
_TOCATA – O TRENZINHO DO CAIPIRÁ

10 MIN

VIVALDI

As Quatro Estações: Inverno

Usadas e abusadas, glorificadas e maltratadas, mutiladas e libertadas, reconhecidas, mas não profundamente conhecidas, As Quatro Estações, de Antonio Lucio Vivaldi, são um dos mais marcantes exemplos de concerto para solista e orquestra, uma forma musical que nasceu e prosperou justamente no período Barroco e que, acompanhando as metamorfoses do tempo e da estética, sobrevive até hoje.

O hábito de dar nome aos concertos era uma característica muito difundida no Barroco musical. Desse modo, na produção de Vivaldi, temos, lado a lado, concertos escritos para manifestações religiosas — Per la Solennità di San Lorenzo, Per la Solennità della Sacra Lingua di Sant'Antonio — e vários concertos profanos — L'Amorosa, Il Favorita, La Tempesta di Mare, entre outros. Dentro do ciclo dos 12 concertos que formam Il Cimento dell'Armonia e dell'Invention, encontramos La Primavera, L'Estate, L'Autunno, L'Inverno, ou seja: Le Quattro Stagioni. Acompanhadas por versos de sonetos que, muito provavelmente, são de autoria do próprio Vivaldi, essas obras são descritivas, mas também evocativas.

Os sonetos não têm nenhuma pretensão poética, são formados por versos simples, que descrevem uma cena, em correspondência com alguns momentos musicais, contextualizando a música. Porém, como disse, essa é só uma das possíveis leituras, talvez a mais superficial, embora já muito impactante. Há um outro lado muito mais profundo que, quando o descobrimos, não conseguimos mais abandoná-lo, trata-se do lado mais evocativo.

A música deixa de ser apenas uma descrição e se torna veículo de memórias despertadas, de situações já vividas e que reaparecem junto a ela; momentos que, guardados como tesouro no baú das lembranças, voltam como fantasmas ao nosso presente. E, talvez, um dos segredos da longevidade artística das Quatro Estações seja, precisamente, sua capacidade de fazer reviver emoções atemporais, como o desfrutar do calor e da luz de uma lareira enquanto do lado de fora a chuva bate com insistência nos vidros das janelas ("Largo" do Inverno).

(2021)

PIAZZOLLA

Quatro Estações Portenhas: Inverno Portenho

Graças a Vivaldi, a ideia das estações e seu eterno ciclo exerceu grande influência na música e atravessou as épocas. Assim, se o período Clássico nos trouxe as Estações de Haydn, o Romantismo deu-nos aquelas de Tchaikovsky, para piano. No século XX, Astor Piazzolla retornou ao tema de modo a fundir as duas grandes vertentes de sua linguagem: seu enraizamento profundo na música de concerto — estudada por Alberto Ginastera e, em Paris, com Nadia Boulanger — e seu amor pelo tango, máxima expressão popular da sua Argentina.

Piazzolla foi alvo de ataques por parte dos "puristas", que o apelidaram de "el asesino del tango", em razão de sua música ser exclusivamente instrumental, não servir, de fato, para dançar, e, o mais importante, incluir elementos do jazz e da tradição clássica, traindo, na opinião deles, o verdadeiro espírito do tango. Aos críticos, Piazzolla respondeu: "no es tango, es música moderna de Buenos Aires". Contudo, quando da composição das Quatro Estações Portenhas, entre 1965 e 1970, a legitimidade e a importância do "nuevo tango" no cenário nacional e internacional já haviam sido estabelecidas; e Piazzolla viajou pelo mundo com seu quinteto, apresentando-se como um verdadeiro embaixador artístico e cultural da Argentina. As Estações Portenhas fazem, assim, parte de uma época de grande euforia mundial em torno da figura de Piazzolla.

Originalmente escritas para seu quinteto, as Estações não foram concebidas, inicialmente, como um conjunto, de modo que cada uma delas podia ser executada isoladamente. Quando o próprio Piazzolla decidiu reuni-las em um único ciclo, optou por dispô-las numa ordem distinta da tradicional, começando com o verão e terminando com a primavera.

(2021)

EMMANUELE BALDINI
SPALLA DA OSESP, PRIMEIRO VIOLINO E MEMBRO
FUNDADOR DO QUARTETO OSESP, REGENTE TITULAR
DA ORQUESTRASINFÔNICA DO CONSERVATÓRIO DE
TATUI E DIRETOR ARTÍSTICO DA VORTZ ORQUESTRA.

NIELSEN

Abertura Helios, Op. 17

Carl Nielsen conheceu sua mulher, a escultora Anne Marie Brodersen, em 1891, quando ela estudava com Auguste Rodin, em Paris. De pois de um romance que fora um verdadeiro turbilhão, Carl e Anne Marie estabeleceram uma parceria artística formidável, embora as exigências das respectivas carreiras — e as numerosas infidelidades de Nielsen — tenham levado à separação do casal, em 1916. Eles se reconciliaram, contudo, em 1925.

Quando Anne Marie ganhou uma bolsa para estudar escultura clássica em Atenas, em 1903, Nielsen viajou da Dinamarca para a Grécia a fim de se encontrar com ela. Foi na capital grega que compôs a Abertura Helios, inspirado pela memória imaginária de um antigo culto helênico ao sol. O compositor disse a um amigo que a obra "descreve o sol, desde que ele sai de trás das montanhas escuras aqui no Leste, passando pelo momento em que a pedra e resplandece, com seu brilho mais forte, ao meio-dia, para finalmente mergulhar lentamente por trás do belo golfo do Egeu e das montanhas azuis que vão escurecendo no Oeste, quando a noite e o silêncio caem".

A Abertura começa com uma passagem que busca recriar a atmosfera da aurora, através de longas notas pedal e chamados distantes das trompas, antes de revelar uma melodia que lentamente cresce em energia nas cordas. Ouve-se, então, um verdadeiro hino matinal, seguido por uma sequência vigorosa, que leva a peça a seu ápice. O hino ao sol retorna com uma nuance mais impetuosa antes que a música desvaneca e as sombras da noite se alonguem novamente sobre a orquestra.

Trecho retirado do livro Carl Nielsen and The Idea of Modernism (Boydell, 2011)

DANIEL M. GRIMLEY
PROFESSOR NA FACULDADE DE MÚSICA DA
UNIVERSIDADE DE OXFORD, AUTOR DE CARL NIELSEN
AND THE IDEA OF MODERNISM (BOYDELL, 2011) E
ORGANIZADOR DE THE CAMBRIDGE COMPANION TO
SIBELIUS (CAMBRIDGE UNIVERSITY PRESS, 2004).

TRADUÇÃO DE ROGÉRIO GALINDO.

Notas graves longas sustentando a harmonia e sobre as quais acordes diferentes se sucedem.

VILLA-LOBOS

Uirapurú

O hiato entre a data declarada de composição da obra (1917) e sua estreia (1935, em Buenos Aires) sugere que Uirapurú é um dos casos em que Villa-Lobos após à partitura a data de concepção ao invés da data real de composição. No caso de Uirapurú, que, dentre suas obras executadas com mais frequência, é a mais original e intrinsecamente moderna, a fixação da data de 1917 daria ao compositor a primazia na utilização de certos procedimentos musicais com os quais, em tese, ele só teria se familiarizado após viver em Paris nos anos 1920. Uirapurú é, em larga escala, baseado em uma de suas primeiras obras orquestrais, Tédio de Alvorada, poema sinfônico de 1916 (estreado em 1918), e só bem provável que Villa-Lobos tenha trabalhado na radicalização de sua realização estética ao longo da década de 1920.

Uirapurú é um filho do modernismo internacional. Villa-Lobos não se manifesta ali seu constante interesse pela riqueza de textura, expansão tonal, colorido orquestral, fluidez de forma, simetria melódica e releitura de suas referências composicionais (sobretudo Wagner, Debussy e Stravinsky), como cria uma sonoridade especificamente brasileira, sem se servir diretamente de elementos da tradição musical popular — é exatamente essa atitude que faz dele um dos supremos inventores da cultura brasileira.

O compositor criou um argumento para a realização em forma de balé, talvez na esperança de que Diaghilev se interessasse em incluí-lo no repertório dos Ballets Russes, colaboração que, infelizmente, nunca se materializou.

O uirapurú é um pássaro notável, mesmo dentro da biodiversidade amazônica. Por viver somente nas profundezas da floresta e ter um canto extraordinariamente melodioso, afinado e variado, cujo poder de sedução faria todas as outras espécies ficarem em silêncio, ele carrega consigo uma forte carga mítica.

No enredo do bailado, grupos indígenas se veem embrenhados na floresta pela magia do canto do pássaro. Lá, uma jovem caça o uirapurú e o vê se transformar num jovem guerreiro. Ao final, morto por um indígena invasor, ele volta a ser pássaro. Enredo e música produzem um eco bastante filtrado do Prelúdio à Tarde de um Fauno, de Debussy, e do Pássaro de Fogo, de Stravinsky. Villa-Lobos, sem o interesse, à maneira de Fago, de Stravinsky, pelo canto real da ave, transfere o tema do uirapurú num modelo de simetria estilizada, que abre espaço para uma complexa rede de crescimento formal e harmônico. Especialmente depois de ser gravado por Leopold Stokowski, Uirapurú tornou-se, merceditamente, um cartão de visitas da Villa-Lobos modernista.

(2014)

FABIO ZANON
VIOLONISTA, PROFESSOR VISITANTE NA ROYAL
ACADEMY OF MUSIC E AUTOR DE VILLA-LOBOS (SÉRIE
"FOLHA EXPLICA", PUBLI-FOLHA, 2009). DESDE 2013,
ELE É O COORDENADOR ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO DO
FESTIVAL DE INVERNO DE CAMPOS DO JORDÃO.

VILLA-LOBOS

Bachianas Brasileiras nº 2: Excertos

Criollo, crioulo, crioulo — presente em várias línguas, a palavra carrega inúmeras acepções, fazendo referência à origem territorial, étnica ou ancestral das pessoas. As culturas, impregnadas por suas práticas históricas de preservação do sangue, de linhagem e também de integração, conferem ao termo significados próprios e, por vezes, contraditórios entre si. As gerações brincam com ele, e as diferentes regiões de cada país também. O homem da cidade e o homem do campo usam o mesmo termo, mas falam de coisas diferentes. Seja qual for o significado imediato que desperta em cada um de nós, a palavra é um convite a pensar identidade, origem, pertencimento, aceitação e tolerância. O significado atribuído a ela reflete, desse modo, a relação que estabelecemos com a heterogeneidade humana.

No campo da música, os processos de colonização, imigração e miscigenação característicos de obras de música contemporânea resultaram na criação de cada nação permeadas por alguma das múltiplas acepções da palavra crioulo. O conjunto das Bachianas Brasileiras, de Villa-Lobos, é um claro exemplo, pois ao mesmo tempo que rende homenagem a um dos grandes expoentes da cultura musical germânica, propõe retratar um Brasil amplo e heterogêneo.

Inspiradas no legado de Bach, as Bachianas nº 2 utilizam uma orquestra bem mais complexa que aquela conhecida no período Barroco. Em um processo similar ao das sociedades ao longo da história, a maquinaria musical da orquestra somou vozes para construir sua identidade e potencializar sua força expressiva. Escrita em quatro movimentos, a peça propõe um crescendo instrumental e dramático no qual diferentes instrumentos encarnam os vários fios da trama.

O "Prelúdio – O Canto do Capadócia" traz uma melodia sinuosa, que passa pela pequena orquestra, praticamente dispensando o naipe de percussão. Disputam a atenção do ouvinte instrumentos como saxofone, trombone e violoncelo, além do violino, que no andamento central contrapõe sua linha lírica ao acompanhamento ritmado da orquestra. Na "Ária – O Canto da Nossa Terra", o violoncelo solo e o saxofone desenhm um canto profundo, que cria sua identidade por meio dos diálogos entre os dois instrumentos e da relação que tramam com os demais integrantes da orquestra. O trombone abre e fecha a "Dança – Lembrança do Sertão", onde os demais instrumentos criam um efeito particular pelo ritmo marcado, com células rápidas e acentos recorrentes.

A "Tocata" do movimento final explora as possibilidades do naipe de percussão para, com o conjunto da orquestra, representar o avanço do "Trenzinho do Caipira". Trata-se de uma das criações mais conhecidas e amadas de Villa-Lobos. A rítmica sugerida pela locomotiva serve de alicerce aos pensamentos do passageiro, em uma obra que faz também referência ao capadócia, ao sertanejo e ao caipira, e leva o ouvinte a circular por diferentes espaços onde se pode ser ora local, ora forasteiro, ora bem-vindo, ora rejeitado. Pode-se ser crioulo, pardo, caboclo, negro, branco, judeu, índio, cosmopolita, caipira, gaúcho, sertanejo — que essa universalidade, e a experiência coletiva da orquestra e do concerto nos inspirem a criar mais cantos de terras onde cada um tem voz e onde cada uma dessas vozes compeha o mais caloroso e belo dos pronomes: nós.

(2014, revisado em 2022)

LUCRECIA COLOMINAS
PROGRAMADORA ARTÍSTICA DA ORQUESTRA
SINFÔNICA NACIONAL DA NOVA ZELÂNDA, MESTRE EM
PERFORMING ARTS ADMINISTRATION PELA ROOSEVELT
UNIVERSITY E BACHAREL EM MÚSICA PELA UNESP.

Edição e Revisão de Texto: IGOR REYNER

ORQUESTRASINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

Fundada em 1954, desde 2005 é administrada pela Fundação Osesp. Thierry Fischer tornou-se Diretor Musical e Regente Titular em 2020, tendo sido precedido, de 2012 a 2019, por Marin Alsop, que agora é Regente de Honra. Em 2016, a Orquestra esteve nos principais festivais da Europa e, em 2019, realizou turnê na China e em Hong Kong. No mesmo ano, estreou projeto em parceria com o Carnegie Hall, com a Nona Sinfonia de Beethoven cantada inditadamente em português. Em 2018, a grande das Sinfonias de Villa-Lobos, regidas por Isaac Karabchevsky, recebeu o Prêmio do Estado da Revista Concerto e o Prêmio da Música Brasileira.

EMMANUELE BALDINI REGENTE E VIOLINO

Ospalano da Osesp desde 2005 e Primeiro Violino do Quarteto Osesp desde 2008, o italiano formou-se no Conservatório de Gênova, aperfeiçoando-se em Berlim e Salzburgo. Mais recentemente, sua dedicação à regência o levou a se aprimorar com Isaac Karabchevsky e Frank Shipachov. Como regente, destacam-se concertos no Teatro Colón, de Buenos Aires, no Teatro del Sode, de Montevideú, da própria Osesp e apresentações com as principais orquestras da América Latina. De 2017 a 2019 foi Diretor Musical da Orquestra de Câmara de Valdivia, no Chile. Atualmente é Regente Titular da Orquestra Sinfônica do Conservatório de Tatui e Diretor Artístico da Vortz Orquestra.

WAGNER POLISTCHUK REGENTE

O maestro brasileiro Wagner Polistchuk foi Regente Principal da Orquestra Sinfônica da USP entre 2012 e 2014, Diretor Artístico da Camerata Antiqua de Curitiba de 2009 a 2011, Regente Adjunto da Orquestra Sinfônica de Santo André e também Diretor Artístico e Regente Titular de importantes universidades Estaduais de Londrina. Tem se apresentado à frente de Sinfonias da Orquestras brasileiras e também no exterior, como a Sinfônica Nacional, de Hermitage Orchestra, a Orquestra Musical da União Federal de La UANL e a Filarmônica de Kielce. Em 1990, especializou-se como solista de trombone com Branimir Sliokar, na Alemanha. E, de volta às terras brasileiras, iniciou estudos de regência com o Mestre Eleazar de Carvalho, seguido por Dante Anzolini, Ronald Zollmann, Andreas Spörri, Roberto Tibilirici e Kurt Masur. Destacou-se em diversos concursos, como o V Concurso Latino-Americano de Regência Orquestral, em 1998, na USP, obtendo o segundo lugar; e, em 2002, foi premiado no Concurso Internacional de Regência Prix Credit Suisse, em Grenchen, na Suíça, e vencedor no Concurso Jovens Regentes Eleazar de Carvalho.

ORQUESTRASINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DIRETOR MUSICAL E REGENTE TITULAR
THIERRY FISCHER
VIOLINO:
EMMANUELE BALDINI SPALLA
DAVI GRATON SPALLA
YURI RAKEVICH
LEVI VEKSELER MEMBRO
ADRIAN PETRUTIU
IGOR SARUDIANSKIY
ALEX CHASHNIKOV
AMANDA MARTINS
ANDERSON FARNELLI
ANDREAS UHLEMANN
CAMILA YASUDA
CAROLINA KUELMANN
CESA A MISRADA
CRISTIAN SANDU
DEBRAH SANTOS
ANDERSON FARNELLI
ELENA KLEMENTEVA
ELINA SURIS
FLORIAN CRISTEA
GHEORGHE VOICU
INNA MELTSER
IRINA KODIN
KATIA SPASSIOVA
LEANDRO DIAS
MARCIO AUGUSTO KIM
PAULO PASCHONAL
RODOLFO LOTA
SORAYA LANDINI
SUNO EUN CHO
SVETLANA TERESHKOVA
TATIANA VINOGRADOVA
VIOLINO:
HORACIO SCHAEFER MEMBRO
MARA ANGELICA CAMERON
PETER PAS
ANDRE FERREIRA RODRIGUES
ANDRES LEPAGE
DAVID MARIQUES SILVA
EDERSON FERNANDES
GALINA BARMHOVA
OLGA VASSILEVICH
SARAH PIREZ
SIMEON GRINBERG
VLADIMIR KLEMENTIEV
VIOLONCELO:
HELOISA MEIRELLES
RODRIGO ANDRADE
ADRIANA HOLTZ
BRÁULIO MARQUES LIMA
DOUGLAS KIER
JIN JOD DOH
MARIA LUISA CAMERON
MARIALI TRISOLIDO
REGINA VASCONCELOS
CONTRABAJO:
ANA VALÉRIA POLES
PEDRO GADELHA
MARCIO DELESTRE
MAX EBERT FILHO
ALEXANDRE ROSA
ALFONSO ARANANTE
CLAUDIO TOREZAN
JEFFERSON COLLAÇICO
LUCAS AMORIM ESPOSITO
NEY VASCONCELOS
GUSTAVO MOSCÁ*
HARPA:
LUBA KLEVTSOVA
BRENDA OLIVEIRA**
FLAUTAS:
CLAUDIA NASCIMENTO
FABÍOLA ALVES PICCOLLO
JOSÉ ANÁJAS
SÁVIO ARAUJO

OBOES:
ARCADIO MINCZUK
JOEL GISIGER
NATAN ALBUQUERQUE JR., CORNE NIÉLES
PETER APPS
FERNANDO BARBOSA
CLARINETE:
OVANIR BUOSI
SERGIO BURGAM
NIVALDO BUENHABRE
DANIEL ROSAS
GUILIANO ROSAS
TROMPAS:
LUIZ GARCIA
ANDRÉ GONÇALVES
MÓNICA WALDVOGEL
NIKOLAY GENOV
EDUARDO PEREIRA DO AMARAL
EDUARDO MINCZUK
TROMPETES:
FERNANDO DISSENHA
RICARDO GUZARA MEMBRO
ANTONIO CARLOS LOPES JR.*
MARCOS BRAGA
MARCELO MATOS
TROMBONES:
DARCI GIANELLI
WAGNER POLISTCHUK
ALEX TARTAGLIA
FERNANDO COLETTI
TROMBONE BAJO:
DARRIN COLEMAN MILLING
TUBA
FILIPE QUEIROZ
DIEGO BOSCCOLO**
TIMPANS:
ELIZABETH DEL GRANDE MEMBRO
RICARDO BOLOGNA
PERCUSSÃO:
RICARDO RIGHINI H+PERCUSSÃO
ALFREDO LIMA
ARMANDO YAMADA
EDUARDO GIANSELLA
RUBEN ZUNIGA
TECLADOS:
OLGA KOPYLOVA
INGRID UEMURAT* CELESTA
CONVIDADOS DESTA PROGRAMAÇÃO:
RENATO DE SA VOLONCELO
ANTONIO CARLOS LOPES JR.
ALESSANDRO SANTORO CRAVO

* CARGO INTERINO
** ACADEMISTA DA OSESP
OS NOMES ESTÃO RELACIONADOS EM ORDEM ALFABÉTICA, POR CATEGORIA, INFORMACOES SUJEITAS ALTERACOES.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

GOVERNADOR
RODRIGO GARCIA
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETÁRIO
SERGIO SÁ LEITÃO
SECRETARIA EXECUTIVA
CLAUDIA PEDROZZO
CHEFE DE GABINETE DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
FREDERICO MASCARENHAS
COORDENADOR DA UNIDADE DE DIFUSÃO CULTURAL, BIBLIOTECAS E LETURA
CHRISTIANO LIMA BRAGA

FUNDAÇÃO OSESP

PRESIDENTE DE HONRA
FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE
PEDRO PULLEN PARENTE
VICE-PRESIDENTE
STEFANO BRIDELLI
CONSELHEIROS
ANA CARLA ABRÃO COSTA
CELIA KOCHEN PARNES
CLAUDIA NASCIMENTO
LUIZ LARA
MARCELO KAYATH
MÁRIO ENGLER PINTO JUNIOR
MÓNICA WALDVOGEL
NEY VASCONCELOS
PAULO CEZAR ARAUJO
SERGIO GUSMÃO SICHODOLSKI
TATYANA VASCONCELOS
ARAUJO DE FREITAS
DIRETOR EXECUTIVO
MARCELO LOPES
DIRETOR ARTÍSTICO
ARTHUR NESTROVSKI
SUPERINTENDENTE GERAL
FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA

